

# A Unidade da Igreja na Obra e no Pensamento do Apóstolo Paulo

P. Heinrich Tappenbeck

Nestes dias foi inaugurado o Concílio Geral da Igreja Católica Romana. A Igreja Católica o chama de "Concílio Ecumênico". Esse termo implica que, na concepção católica, o concílio é de relevância para todos os cristãos da terra. Certamente amplos círculos do protestantismo admitirão tal relevância, sem, contudo, lhe concederem uma autoridade de caráter obrigatório e jurídico. Depois de ser anunciado o concílio pelo Papa João XXIII, muitos, mais nos meios católicos do que protestantes, esperavam que estivesse iminente o restabelecimento da unidade visível de toda a cristandade. No decorrer do tempo, essas expectativas deram lugar a um julgamento mais acautelado. Todavia, o referido concílio é de fato um novo motivo, que deve ser tomado a sério por todos os cristãos, de reconsiderar e de buscar a verdadeira unidade da Igreja de Cristo. Aliás, tal reconsideração e tal busca são realizadas com muita intensidade já há decênios por parte de Igrejas protestantes e ortodoxas no assim chamado «Conselho Mundial de Igrejas». Pertence a esse Conselho, desde 1950, também a nossa "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil».

Hoje em dia o «Ecumenismo», em suas formas diferentes, desperta um interesse cada vez maior nos meios da cristandade. Deve-se tal fato em parte ao desenvolvimento das condições nas quais se encontra a humanidade em nossa época. A terra, habitada pelo homem, isto é, a «Ecumene» no sentido original da palavra grega, tornou-se pequena. E' fácil supervisioná-la. Distâncias não são mais problema para a transmissão de informações, e calcula-se em horas a viagem aérea para qualquer país do nosso globo. Crises de uma só região podem despertar a atenção de todas as nações, e a fome no Extremo Oriente, por exemplo, tem as suas conseqüências políticas e econômicas em todos os continentes do nosso planeta. As primeiras tentativas de vôo espacial solidarizam os homens ante o cosmos, que os cerca e ao qual procuram arrancar os seus segredos.

E' um sinal dos tempos que também os cristãos, numa medida cada vez mais intensa, tornam-se conscientes de sua inter-relação universal. Para tanto também contribui o fato de correntes e ideologias seculares, senão anticristãs fazerem sentir, de maneira crescente, a sua influência sobre o homem moderno. Surge

nesse ponto a pergunta se a cristandade pode se dar ainda ao luxo de viver no estado de fragmentação.

Queríamos, porém, deixar bem claro que tais fatos da atualidade devem permanecer motivos bastante secundários a uma união mais estreita, para que a cristandade não perca a conexão com as suas origens. Pois em si mesma a mensagem cristã possui motivos determinantes de união, expressos, por exemplo, de maneira bem nítida, na oração de Jesus em Getsêmane, transmitida pelo evangelista João: "Rogo (.....) que sejam todos um. Assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, assim também eles sejam um em nós para que o mundo creia que tu me enviaste. Deilhes a glória que me deste, para que sejam um, assim como também nós somos um; eu nêles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, assim como me amaste a mim» (João 17,20-23). — As realidades do mundo de hoje constituem um desafio à cristandade, não para adaptar-se às condições vigentes, mas sim, para ouvir de novo o chamado para a unidade o qual a acompanha desde a sua origem.

O nosso estudo trata justamente dos motivos originais, essencialmente cristãos da unidade. Perguntando, em especial, qual foi o papel que a unidade da Igreja exerceu na obra e no pensamento do apóstolo Paulo, sujeitamos o nosso trabalho a uma certa limitação. E' possível que tal limitação esteja influenciada por uma tendência até subconsciente, que caracteriza os protestantes, principalmente os luteranos, ou seja, a tendência de dar certa preferência a êste apóstolo. Mas a nosso ver é um fato objetivo e indiscutível, que o grande apóstolo dos gentios era o representante mais destacado do «Ecumenismo» na cristandade primitiva. Nenhum outro apóstolo ou missionário daquela época abrangeu, de modo igual, em sua obra e em seu pensamento o mundo habitado, a «Ecumene» de então.

Sob ponto de vista sociológico, a cristandade, nos primeiros começos da sua existência, apresentava-se como sendo uma seita judaica. Restringia a sua pregação, como o Nôvo Testamento nos diz no livro dos Atos dos Apóstolos <sup>1)</sup>, aos compatriotas judeus, ou, no máximo, àqueles descendentes de outros povos que como prosélitos aceitaram a religião mosaica ou ao menos simpatizavam com ela. Começava, porém, já antes de Paulo iniciar as suas atividades apostólicas, uma pregação cristã entre os pagãos. Os Atos dos Apóstolos relatam que um centurião do exército romano, chamado Cornélio, foi convertido pelo apóstolo Pedro. Apesar de tratar-se aqui, no que toca a Pedro, de um acontecimento por enquanto isolado, era um evento de muita relevância. Era o príncipe dos apóstolos, a quem Deus — mas note-se bem: para sur-

---

1) Pode ficar fora de consideração aqui o fato de muitos exegetas atribuírem aos Atos dos Apóstolos um valor limitado apenas como documento histórico. Isso, em nosso caso, não altera muito os nossos resultados.

prêsa do próprio Pedro! — conduziu ao reconhecimento de serem também os gentios chamados pelo Altíssimo para a sua Igreja (Atos 10 e 11). Além disso, missionários desconhecidos, procedentes, como Paulo, da diáspora dos judeus, começavam uma propaganda cristã bem sucedida entre os «gregos» da cidade síria de Antioquia (Atos 11, 20; vide também vers. 19!) E' bem possível, até mesmo provável, que uma obra missionária entre gentios tivesse sido iniciada também em outros lugares antes de Paulo, permanecendo também depois independente dêle. Por exemplo, a comunidade de Roma foi fundada por missionários desconhecidos. Por outro lado, porém, não se pode negar que dentre os homens, dos quais ouvimos no Nôvo Testamento, é Paulo, quem esboçou e, se possível, executou os planos de maior alcance no que diz respeito à propagação da fé cristã. Foi êle, também, quem examinou e resolveu de maneira mais profunda o então problema principal da unidade eclesiástica, isto é, o da relação entre judeu-cristãos e gentílico-cristãos na «Uma» Igreja de Deus. Vejamos isso mais detalhadamente.

E' um mistério, o modo pelo qual justamente o antigo fari-seu tão consciente e zeloso, em certo sentido tão «nacionalista», veio a transformar-se naquele apóstolo que mais do que qualquer outro demonstrou ser apóstolo e advogado dos gentios na Igreja. Mistério êsse, inseparavelmente ligado, como parece, à conversão, ante as portas de Damasco, do grande perseguidor dos discípulos da nova seita. As afirmações do próprio Paulo a êsse respeito, no primeiro capítulo da sua carta aos Gálatas, deixam o leitor com a impressão de que êle, quando vencido pela manifestação irresistível do senhorio de Jesus, imediatamente reconheceu também que a vontade de Deus o mandava para a pregação do evangelho entre os gentios. E Paulo, evidentemente, logo após, desempenhou essas suas novas funções (V. Gál. 1,13-17). Como, junto ao reconhecimento de Jesus como Messias, também essa outra revolução teve lugar na vida de Paulo? Não é possível responder a essa pergunta com certeza absoluta. Porém, a explicação dada pelo teólogo alemão Martin Dibelius nos parece a melhor. <sup>2)</sup> Conforme Dibelius: Para Paulo, antes de Damasco, a messianidade de Jesus ainda seria um ponto a ser examinado, se Jesus não tivesse escolhido, como seus discípulos, gente tão afastada do conhecimento e até mesmo do reconhecimento da lei mosaica. Contudo, quando Paulo, vencido pela aparição do Ressurreto, entregou a sua vida a Jesus, reconheceu que o verdadeiro Messias era completamente diferente das suas concepções de até então. Êsse Messias tinha tomado a seu cuidado justamente os marginais, os doentes e sofrendores, os pobres, os pescadores simples, os analfabetos, os publicanos e pecadores. Êsse Messias tinha chamado a si os abandonados. A sua intenção, porém, não era a de fundar um par-

---

<sup>2)</sup> Vide o capítulo "Die Wendung zu Christus" em: Martin Dibelius e Werner Georg Kümmel, "Paulus" (Berlim 1951), pgs. 42-61.

tido dos desfavorecidos, mas sim, a de demonstrar que a graça divina procura a todos.

Em regra, Jesus, na sua vida terrestre, tinha restringido as suas atividades ao povo de Israel. O seu «Ecumenismo» — se fôr lícito o emprêgo desse termo aqui — era de caráter intensivo. Disso resulta agora o «Ecumenismo» extensivo do apóstolo. Paulo, depois da sua conversão, se via enviado àqueles que estavam ainda mais à margem do que os pescadores e publicanos, ou seja, às nações pagãs. Proclama-lhes: «Vivíeis sem Cristo (isto é: sem o Messias), excluídos da comunhão de Israel e privados da aliança da promessa (divina); vivíeis neste mundo sem esperança e sem Deus. Agora, porém, vós, que andáveis longe, chegastes perto, em Cristo Jesus — pelo sangue de Cristo. E' êle a nossa paz. Foi êle que congregou as duas partes (isto é: Israel, o antigo povo de Deus, e as nações da terra), arrasando o muro divisório (...) Quería, em sua pessoa, formar das duas partes um homem nôvo, em um só corpo, reconciliar ambos com Deus (...) A vós, que andáveis longe, veio anunciar a paz, e a paz também aos que estavam perto. E', pois, por êle que, uns e outros, temos acesso ao Pai, em um só espírito” (Ef. 2,12-18) <sup>3)</sup>.

Além da diferença fundamental entre judeus e gentios, o apóstolo conhece outras diferenças entre os homens, como por exemplo diferenças de cultura, de posição social, ou de nacionalidade. Mas a todos o apóstolo proclama a sua mensagem. Todos são chamados a formarem o um só povo de Deus. «Sou devedor a gregos e bárbaros, a sábios e ignorantes. Da minha parte estou pronto a anunciar o evangelho também a vós», escreve Paulo aos cristãos na metrópole do império romano (Rom. 1,14 s.), e na carta aos Colossenses diz: «Não se trata mais de gentio ou judeu, de circuncidado ou incircunciso, de bárbaro ou cita (os citas eram povos nômades muito beligerantes), de escravo ou livre — Cristo é que é tudo e em todos” (Col. 3,11).

A tais dimensões «ecumênicas» da mensagem do apóstolo correspondem os planos concretos de sua atividade missionária. «Desde Jerusalém e em redor até ao Ilírico tenho completado a pregação do evangelho de Cristo», declara Paulo em Rom. 15, 19, para então expor a sua determinação de prosseguir via Roma até Espanha, porque, como diz, «não tenho mais campo de atividade naquelas regiões» (Rom. 15,23). Isto, naturalmente, não significa que aquelas regiões já tivessem sido totalmente cristianizadas. Paulo parece ter considerado a sua tarefa por cumprida, conseguindo fundar comunidades cristãs em pontos centrais, consolidando-as a tal ponto de estarem capacitadas a desenvolver as suas próprias atividades missionárias em suas circunvizinhanças. O

---

<sup>3)</sup> Não obstante muitos exegetas negarem a autoria de Paulo, atribuindo a carta aos Efésios a um epígono, as citadas palavras correspondem ao pensamento do grande apóstolo dos gentios.

apóstolo dos gentios, porém, tinha que continuar o seu caminho para saldar os seus débitos para com «gregos e bárbaros». Desejava alcançar os então conhecidos limites da «Ecumene» situados a oeste, na Península Ibérica. Sentiu a necessidade de alcançá-los antes de o Senhor voltar para unir-se com o seu povo de todas as nações.

Paulo fomentou em suas comunidades o sentimento de pertencerem à grande comunhão de um só povo de Deus. Parece, porém, que não se ocupou muito com questões de organização nesse sentido e que não as acentuou <sup>4)</sup>. Já quanto à estruturação das comunidades individuais o apóstolo aparentemente agiu com muita liberalidade. Na primeira carta aos Coríntios admoesta os leitores a se submeterem à autoridade de um certo Estéfanos bem como de sua família (!), sendo eles os primeiros cristãos da província da Acaia, que se consagraram (por iniciativa própria!) ao serviço dos companheiros na fé (cf. I Cor. 16,16). Aos Tessalonicenses escreve: «Rogamo-vos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós, e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam» (I Tess. 5,12). Em I Cor. 12 bem como em Rom. 12 Paulo fala sobre a Igreja como sendo o um só corpo de Cristo, mas com membros bem diferenciados, ou seja, com grande variedade de funções (carismas). Mas as duas listas de funções, que o apóstolo apresenta nos referidos trechos, não concordam entre si! Na saudação inicial da sua epístola aos Filipenses Paulo se dirige à comunidade em geral, e aos seus bispos (no plural!) e diáconos em especial. Parece, porém, que o campo de atividades desses funcionários era mais o de caridade do que o de governo <sup>5)</sup>. Tudo isso indica que não houve uma ordem hierárquica prefixada nas comunidades fundadas por Paulo. O apóstolo não pretende criar uma organização eclesiástica capaz de perdurar por séculos. Ele espera a vinda do Senhor num futuro próximo <sup>6)</sup>. Assim sendo, ele também não faz questão de instaurar autoridades inter-regionais de caráter fixo e permanente.

Mesmo por isso o apóstolo considera como essencial a conexão das suas comunidades com a uma só Igreja de Cristo. E' frente às comunidades individuais que salienta as dimensões ecumênicas da sua mensagem. Aos Coríntios afirma que lhes diz o mesmo que a todas as comunidades (I Cor. 4,17;7,17) e que devem seguir o exemplo dessas (I Cor. 11,16;14,33 b). Testifica aos Romanos que todo mundo comenta a fé existente em sua comuni-

---

<sup>4)</sup> As afirmações contrárias nos Atos dos Apóstolos (14,23 ss.; 20,17 ss.) bem como nas assim chamadas Epístolas Pastorais (I. II Tim.; Tít), que certamente não foram escritos por Paulo mesmo, parecem refletir disposições posteriores.

<sup>5)</sup> Dibelius e Kümmel, op. cit., pg. 79.

<sup>6)</sup> Vide por exemplo Rom. 13,11 ss.; Fil. 4,5 e em especial I Tess. 4,13 ss.; I Cor. 15,51.

dade (Rom. 1,8). De maneira semelhante encoraja os Tessalonicenses (I Tess. 1,8), e nas tribulações que suportam, lembra-os que as comunidades cristãs na Judéia passaram pelas mesmas angústias (I Tess. 2,14). A epístola aos Gálatas termina com uma bênção dirigida a toda a Igreja como sendo o (verdadeiro) «Israel de Deus» (Gál. 6,16).

A questão decisiva, porém, no que diz respeito à unidade da Igreja na obra e no pensamento do apóstolo Paulo, é, como já foi dito, a da relação entre judeu-cristãos e gentílico-cristãos naquela mesma Igreja. De maneira mais clara do que qualquer outro colaborador naquela época da cristandade primitiva, o apóstolo Paulo reconheceu que não era justo nem possível — por razões teológicas! — impor a lei mosaica aos gentílico-cristãos. Não devia exigir-se deles transformarem-se primeiro em judeus para então tornarem-se cristãos. Uma tal exigência teria obscurecido e restringido, de maneira essencial, a verdade de Cristo ter vindo para todas as nações da terra. A lei dada ao antigo povo de Deus não podia servir como base da união do novo povo de Deus.

Essa decisão fundamental teve conseqüências muito concretas. Enumeremos uns poucos exemplos apenas: O gentílico-cristão não foi circuncidado (V. por exemplo Gál. 2,3; 5,2-12; 6,12-16). Não foi obrigado a observar o sábado (V. Gál. 4,10; Rom. 14,5; Col 2,16). Não lhe foi proibido comer os alimentos declarados imundos para o judeu. Havia então cristãos com e cristãos sem tais deveres religiosos. Mas ambos eram membros de uma e mesma Igreja de Cristo Jesus. Não precisamos de muita imaginação para compreender que uma comunhão entre cristãos tão diferentes trouxe consigo muitas tensões e dificuldades. As diferenças existentes certamente eram bem maiores do que as que, hoje em dia, normalmente existem entre a vida religiosa de católicos e protestantes. Mas foi precisamente nessas diferenças que a unidade da Igreja tinha que se confirmar. Segundo Paulo, tal unidade não seria mais unidade em Cristo se a mesma tivesse sido mantida por meio de decretos uniformizantes, determinados por autoridades eclesiásticas, com o fim de diminuir as asperezas existentes <sup>7)</sup>). Embora Paulo possa exigir respeito ante os sentimentos e a consciência dos irmãos (V. Rom. 14 e 15; também I Cor. 8 e 10, 23 ss.).

Aliás, conforme Paulo, a lei de Moisés deixara de exercer papel decisivo também para o judeu, sendo que não a lei, mas sim, Cristo se confirmou como o caminho da salvação. A lei tinha sua função, que não podemos analisar mais detalhadamente aqui, no

---

<sup>7)</sup> Provavelmente Paulo não tinha nada a ver com as disposições do assim chamado "Decreto dos Apóstolos", apesar das afirmações contrárias em Atos 15. Provas: O relatório do próprio Paulo em Gál. 2,6; a observação de Atos 21,25, conforme a qual as disposições do decreto são comunicadas a Paulo como se fôsem novidade para êle. Atos 15 parece atribuir costumes posteriores a uma decisão do Concílio dos Apóstolos.

período entre Moisés e Jesus. Em Cristo, porém, a lei chegou ao mesmo tempo ao seu alvo e ao seu fim (Rom. 10,4; cf. Gál. 3,23-25). O próprio Paulo tinha experimentado como o zelo pela lei dos antepassados e os esforços de obter a salvação pelo cumprimento minucioso de suas prescrições fracassaram. Eram exatamente êsse zelo e êsses esforços que o separaram do verdadeiro Messias e o fizeram um perseguidor do verdadeiro povo de Deus (V. Gál. 1,13 s.; Fil. 3,5 ss.). Uma vez convertido, Paulo se sentiu também a si mesmo livre das disposições da lei mosaica e não as praticou quando em suas atividades entre os gentios. Não obstante êle parece não ter apenas tolerado a observação da lei por parte dos judeu-cristãos, mas sim, a considerou até certo ponto adequada. Nisso são bem elucidativas as famosas afirmações em I Cor. 9,19-22, nas quais o apóstolo define a sua posição ecumênica da seguinte maneira: «Ainda que livre em todo o sentido, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus me fiz como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que estão sujeitos à lei me fiz como quem está sob a lei — embora não mais esteja sob a lei — a fim de ganhar os súditos da lei. Para os que vivem sem a lei me fiz como quem vive sem a lei — ainda que não esteja isento da lei de Deus, mas ligado pela lei de Cristo — a fim de ganhar os que vivem sem a lei. Com os fracos me fiz fraco, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar ao menos alguns».

Em tal liberdade cristã o judeu pode permanecer judeu. Paulo expressamente o dissuade de anular sua circuncisão por operação cirúrgica (I Cor. 7,18). Conforme Romanos 9,4, Paulo via na lei mosaica um sinal permanente da vocação divina especial que caíra sôbre o povo de Israel, vocação essa que não tinha sido revogada, mas sim, confirmada pela vinda de Cristo como redentor de tôdas as nações, de modo que o evangelho é «o poder de Deus para a salvação de todo aquêle que crê, primeiro do judeu e também do grego (Rom. 1,16). E' aparentemente por esta razão que Paulo ainda admite terem certo valor as disposições da lei mosaica para os judeus cristianizados. Vemos também aqui que, para Paulo, unidade não significa uniformidade.

A concepção defendida por Paulo, em conformidade com a revelação divina que recebera ante as portas de Damasco, não oferecia solução fácil para os problemas da unidade da Igreja naquela época. Assim sendo, não é de admirar que encontrou resistência no seio da cristandade primitiva e que era apenas através de lutas internas que o apóstolo conseguiu o reconhecimento das suas comunidades. Para fazer jus aos oponentes do apóstolo, que advogavam pela obrigatoriedade da lei para todos os cristãos, inclusive os gentílico-cristãos, temos que levar em conta que Paulo exigiu um sacrifício não pequeno por parte dos judeu-cristãos. A muitos dêles parecia, conforme a tradição na qual foram educados, algo bem natural e indispensável a harmonia entre o Messias e a lei de Moisés. Aquêles, porém, que estavam dispostos a fazer concessões à

posição tomada por Paulo, tinham que enfrentar um grave problema: Punham em perigo muito sério a sua relação para com os seus compatriotas, ao se unirem em uma só Igreja com pagãos que não aceitavam a lei de Moisés. Punham, com isso, em perigo também a sua obra missionária entre seus conterrâneos. Mais ainda, provocavam a ira e a perseguição por parte dos judeus descrentes.

Quanto a Paulo, êle aceitava decididamente estas conseqüências. Tomou-as sôbre si em sua própria existência, o que resultou em anos de prisão, causados pelo ódio de seus compatriotas, como os últimos capítulos dos Atos dos Apóstolos o relatam. Paulo aceitou êsse seu caminho — para o bem da unidade da Igreja. Pois era pela unidade da Igreja que, antes de prosseguir conforme os seus planos para Roma e Espanha, ousou comparecer mais uma vez a Jerusalém para entregar aos cristãos dessa cidade uma coleta das suas comunidades e para assim assegurar a comunhão no amor entre êles. Custou-lhe a liberdade física por muito tempo ou até — não o sabemos certo — para sempre.

Mas retornemos aos acontecimentos anteriores. Uma decisão básica foi tomada no assim chamado «Concílio dos Apóstolos» em Jerusalém. Possuímos um relatório sôbre o referido conclave de autoria do próprio Paulo, no segundo capítulo de sua carta aos Gálatas. Escreve que fôra por ordem especial de Deus, revelada a êle, que subiu naquele tempo a Jerusalém, para defender o evangelho, como o pregava, ante os jerusalemitas. Em especial o fazia ante os “que gozavam de maior reputação”, ou seja, ante os «que eram considerados colunas», como Paulo se expressa, referindo-se a Tiago (o irmão de Jesus), Pedro, e João. Fê-lo, como diz, «para não correr, nem ter corrido, em vão», isto é, procurou assegurar-se de que o seu trabalho não tinha sido inútil. Esta última frase do apóstolo é de muita importância para nós. Como interpretá-la? Trata-se aqui de política eclesiástica? Pondera o apóstolo as possibilidades práticas da sua obra, reconhecendo que sem um acôrdo com os jerusalemitas não teria base? Verdade é que não lhe faltavam bom senso e realismo. Mas por certo não basta considerar aquela frase sob ponto de vista de uma política eclesiástica. Tentemos outra solução: Expressa essa frase o reconhecimento de Paulo das autoridades em Jerusalém como lhe sendo superiores? Também isso não nos parece possível, porque no capítulo anterior da sua carta o apóstolo salienta justamente a sua independência e autonomia. Além disso, em sua discussão com Pedro em Antioquia, relatada posteriormente na mesma carta, Paulo não está em posição inferior. A convicção de que sua obra sem um acôrdo com os jerusalemitas fôsse vã, deve ter, pois, outra razão. O sentido da referida frase sômente pode ser o seguinte: A obra de Paulo seria vã, se a unidade da Igreja fôsse sacrificada. Ora, o sucesso do Concílio dos Apóstolos consistiu em ambos os princípios terem sido respeitados integralmente: A unidade da Igreja bem como a verdade do evangelho. De que maneira se obteve tal sucesso? Em Jerusalém se chegou ao reconhe-

cimento de que era o próprio Senhor que realizava a sua obra tanto na atividade de Paulo entre os gentios quanto na de Pedro entre os judeus. Por isso foi oficialmente reconhecida e estabelecida, com um apêto de mãos, a divisão dos respectivos campos missionários entre os dois apóstolos e seus companheiros. Para a admissão das comunidades paulinas de caráter gentílico-cristão na comunhão de todos os fiéis não foi exigida cláusula alguma. Ficou apenas estabelecido o seguinte: Essas comunidades fariam uma coleta em favor dos cristãos em Jerusalém. Para o cumprimento de tal convênio, Paulo se empenhou decididamente. Recomendou-a às suas comunidades como um ato de amor e auxílio a ser prestado aos irmãos pobres. Ato êsse, natural, dada a situação econômica mais favorável em que viviam (cf. II Cor. 8,13 s.). Em outras ocasiões salientou que tal coleta era uma dívida a ser paga em bens materiais em troca dos bens espirituais contidos no evangelho, cuja proclamação teve sua origem nas terras de Israel (cf. Rom. 15,17). Acima de tudo, porém, o apóstolo frisou com insistência que tais sacrifícios deviam ser voluntários (II Cor. 9,7). Mais tarde constatou que as próprias comunidades por livre iniciativa efetuaram tal coleta (Rom. 15,27). Não obstante chegou a ordenar essa coleta na Galácia (I Cor. 16,1).

O cumprimento do convênio estabelecido em Jerusalém demonstra que para Paulo a unidade da Igreja não pode deixar de ser visível. Tal unidade visível, porém, consiste essencialmente em livres atos de amor e solidariedade entre os cristãos e não é, conforme Paulo, garantida nem mantida por legislação e jurisdição uniformes.

As decisões do Concílio dos Apóstolos não resolveram todos os problemas. Eram suficientes para a coexistência de comunidades puramente judeu-cristãs por um lado e puramente gentílico-cristãs por outro lado. Porém, o que deveria ser feito nas comunidades em que viviam tanto judeus como gentios? Podiam ter comunhão em Cristo de modo completo e visível? As relações de um judeu ortodoxo para com gentios eram muito restritas. Para Paulo não havia dúvida: Em tais casos a comunhão em Cristo estava acima da lei. E também Pedro agiu da mesma maneira: Em Antioquia ambos os apóstolos, bem como outros judeu-cristãos, mantinham convívio com gentílico-cristãos tomando juntos refeições. Um ato impossível para o judeu ortodoxo<sup>8)</sup>. Porém, quando vieram de Jerusalém emissários de Tiago — assumindo êste uma atitude mais rígida, por motivos bem compreensíveis, como vimos acima Pedro se retirou das refeições comuns, levando

---

<sup>8)</sup> A lei mosaica não proibia expressamente a tomar refeições junto com pagãos. Mas, apesar de exceções, tal proibição tornou-se regra geral entre os judeus para garantir a observação das disposições da lei com respeito à pureza cerimonial. Detalhes em Strack-Billerbeck, "Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch", vol. IV, pgs. 374 ss.

consigo os outros judeu-cristãos inclusive Barnabé que no Concílio dos Apóstolos estava ao lado de Paulo. E assim surgiu o famoso conflito entre Paulo e Pedro, no qual aquêles protestou publicamente contra a atuação dêste, defendendo ante o príncipe dos apóstolos a verdade do evangelho, bem como a unidade da Igreja como sendo a unidade dos libertos da lei por Cristo.

É possível e até provável que nas referidas refeições se celebrou, conforme o uso da cristandade primitiva, também a Santa Ceia do Senhor. Em todo caso, as prescrições judaicas quanto às comidas trouxeram, para a Igreja da época, o problema: Era ou não possível que cristãos de tôdas as origens recebessem o sacramento em comum, praticando assim uma «*Communio in sacris*»? Sõmente se levarmos isso em conta, reconhecemos as implicações do conflito em Antioquia em seu total, conflito êsse no qual Paulo defendeu tão firme e decididamente a sua posição em prol da unidade da Igreja.

Como já vimos acima, Paulo julgou que sua obra seria vã se não conseguisse manter a unidade da Igreja. Analisemos agora êsse pensamento mais detalhadamente. Sua motivação básica encontra-se também na carta aos Gálatas. No terceiro capítulo, Paulo empenha-se em demonstrar que Abraão, fisicamente o tronco dos judeus, é espiritualmente também pai dos crentes de origem pagã. Para comprovar isso, o apóstolo faz uso de uma argumentação que, em seus detalhes, para nós hoje parece estranha, esclarecendo, porém, como só poucas outras passagens escritas por Paulo, a sua concepção da unidade da Igreja.

Adotando os métodos exegéticos de sua época, Paulo começa por deduzir dos textos do Velho Testamento, que as grandes promessas de Deus, abrangendo a salvação em sua plenitude, sendo dadas antigamente a Abraão, pertencem a um único descendente dêste. Êsse herdeiro de Abraão é Cristo (cf. Gál. 3,16-18). Baseando-se nessa observação, o apóstolo então exclama: «Todos os que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Já não há mais judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher — todos vós sois um só (isto é: um só ser, uma só pessoa <sup>9)</sup> em Cristo. E, se sois (destarte) de Cristo, sois também (o um só!) descendente de Abraão <sup>10)</sup>, herdeiros segundo a promessa» (Gál. 3,27-29). Participam, pois, os cristãos da herança de Abraão graças ao fato de Cristo, o único herdeiro, se ter identificado com êles. Essa unidade com Cristo não é o resultado de organização e esforços humanos. Essa unidade é real em

---

<sup>9)</sup> O texto grego reza “*heis*”, não “*hen*”, isto é, o numeral “um” no gênero masculino, e não neutro.

<sup>10)</sup> Várias traduções rezam aqui: “(...) sois descendentes (plural!) de Abraão” (Almeida na versão atualizada; Rohden). Mas essa tradução não é exata e obscurece a argumentação do apóstolo. Também a versão “(...) sois descendência de Abraão” (versão antiga de Almeida; Soares), embora filologicamente certa, não reproduz de maneira inequívoca o pensamento de Paulo.

Cristo antes da vida cristã individual e mesmo antes da existência da própria Igreja, como agregação de homens cristãos. Essa unidade é a grande dádiva do Senhor aos seus. Nela compartilha a sua herança com eles. Distribui a sua riqueza aos homens, sem levar em conta as diferenças entre eles. Mais uma vez aparece aqui o fundamento do «Ecumenismo» paulino. Ante a dádiva do Senhor tornam-se insignificantes as diferenças de costume e praxe religiosas, de raça, e de nação: «Já não há mais judeu nem grego». Tornam-se insignificantes as diferenças na posição social: «Já não há mais escravo nem livre». Torna-se insignificante a diferença de sexo que, no mundo antigo, negava à mulher muitos privilégios reservados ao sexo forte: «Já não há mais homem nem mulher».

Cristo compartilha a sua herança com os seus de tal maneira que se faz um só ser, uma pessoa com eles. Isso, como nos parece, é também a idéia básica da metáfora «corpo de Cristo», pela qual Paulo várias vezes caracteriza a Igreja. Talvez a mais importante metáfora eclesiológica de todo o Novo Testamento. Se bem que essa metáfora não ocorra em Gálatas 3, Paulo a emprega em palavras semelhantes às de Gálatas 3, em I. Cor. 12,13: «Todos nós fomos, pelo batismo, por um só espírito, unidos em um só corpo — judeus e gregos, escravos e livres». Esse «um só corpo» é, no versículo anterior, identificado com Cristo, e mais tarde Paulo o chama expressamente o «corpo de Cristo» (I Cor. 12,27). Certamente as referidas passagens de I. Cor. 12 e Gál. 3 se interpretam mutuamente. Sendo assim, chegamos agora ao esclarecimento completo do fato de que o apóstolo considera vã sua obra se a unidade da Igreja fôr destruída. Pois isso significaria a dilaceração do corpo de Cristo e, por conseguinte, o aniquilamento daquela união, na qual o homem recebe a salvação e a herança celestial. Formando com Cristo um único ser, os seguidores de Cristo não podem deixar de serem unidos também entre si. Tal unidade, porém, somente é preservada, se as diferenças que existem entre os homens e no meio das quais eles recebem a dádiva de Cristo, não forem apagadas, se um grupo dentro da Igreja não impor aos outros as suas particularidades religiosas, nacionais, e sociais.

Concluimos aqui a nossa análise. Fizemos uma tentativa de compreender a obra e o pensamento de Paulo em meio de seu ambiente e de sua época. Resta a pergunta: «Qual é a relevância de tudo isso para a cristandade de hoje em seu estado de fragmentação? Uma coisa se nos confirmou: Os determinantes motivos da unidade da Igreja não partem das respectivas situações de cada época, mas sim, da mensagem cristã em si. Segundo Paulo, a Igreja, se perder a sua unidade, perde a base de sua existência e a finalidade de sua obra. Deve-se, contudo, observar que, em Paulo, as questões de organização e jurisdição passam para um segundo plano. Podem existir, dentro da uma e única Igreja, agru-

pamentos independentes, como as comunidades paulinas o eram. Permanece a relevância de tal fato ainda que seja natural que, no decorrer do tempo, as questões de organização e jurisdição exerceram um papel destacado do que na primeira geração da cristandade. Permanece de importância decisiva a disposição de reconhecer a obra que o Senhor realiza também pelos outros. E' indispensável, porém, que todos se vejam unidos na verdade do evangelho que é uma só. E tal união, promovida pelo evangelho de Cristo, quer fazer-se sentir visivelmente no respeito e no amor mútuos, na solidariedade dos que crêem. Em tudo isso, porém, Paulo, como nos parece provar o seu conflito em Antioquia, não pode imaginar uma unidade sem a possibilidade de todos os cristãos de um lugar se reunirem juntos em um só culto para adorar a Deus, ouvir a sua palavra, e receber o seu sacramento.

Essas observações por certo precisam de mais discussão e de mais esclarecimentos. Mas temos que chegar ao fim do nosso trabalho. Queríamos apenas salientar mais um aspecto. Paulo concebe a unidade da Igreja sob o ponto de vista do missionário. Para êle, a unidade da Igreja não quer apenas acabar com as discussões internas da cristandade. O «Ecumenismo» do apóstolo dos gentios não visa apenas a variedade de agrupamentos eclesiásticos, de Igrejas e Igrejinhas particulares que hoje em dia alcançaram número excessivo. A unidade da uma e única Igreja quer, antes de mais nada, superar os antagonismos que dividem o mundo: Antagonismos de raças, de classes, e também de ideologias (se fôr lícito atualizar assim um aspecto parcial da antiga diferença entre judeus e gentios). Pois o evangelho anuncia a paz; paz aos que estão longe bem como aos que estão perto, paz com Deus e paz entre os homens.

Observamos no início do nosso estudo que na época de hoje, na qual as distâncias do nosso globo não representam mais problema, os homens estão mais próximos uns dos outros. Desenvolvem-se sentimentos de solidariedade ante o cosmos. Mas todos nós sabemos que isso é um aspecto apenas da nossa realidade. Por outro lado a humanidade está, mais do que nunca, dividida pelas suas divergências. Os grandes progressos conseguidos pelo gênio inventivo do homem não impediram que a humanidade se fragmentasse em grupos, que não são mais capazes de se reconciliar ou ao menos entender-se mutuamente. Tornou-se, em nossa época, mais claro do que nunca: Todos os homens vivem na interdependência, ligados uns aos outros por um destino comum. Também a humanidade é, por assim dizer, um só ser, um só corpo. Mas o espírito que habita nesse corpo está dividido. Esse espírito da divisão não só separa povos e continentes, mas também os filhos de uma mesma nação. Afunda constantemente ainda mais os abismos já existentes entre êles. Podemos observar em nosso país, que tal processo se desenvolve com rapidez e em formas verdadeiramente alarmantes.

A Igreja não cumpre a tarefa para a qual foi enviada pelo seu Senhor se ela, aos grupos, partidos e ideologias já existentes, apenas acrescenta um ou até alguns a mais. A Igreja cumpre a sua missão tomando sôbre si o fardo daqueles antagonismos, superando-os em si mesma. Pode confiar na mão poderosa do seu Senhor que chama indistintamente os homens pecadores para a sua comunhão transformadora. A unidade que se fundamenta nesse Senhor é mais forte do que os antagonismos dêste mundo. Tal certeza moveu o grande apóstolo dos gentios em sua obra e em seu pensamento.